

# NARRATIVA E A EXPERIÊNCIA DO TEMPO HISTÓRICO: UMA PERSPECTIVA CONTEXTUAL E CONCEITUAL PARA ANÁLISE DE PROCESSOS COMUNICACIONAIS

MANNA, Nuno

Campos del conocimiento: Historia – Comunicación

Filiación institucional: Brasil, Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Educação,

Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE)

Correo electrónico: nunomanna@gmail.com

Fecha de recepción: 10/11/2020

Aceptación final: 26/03/2021

## SUMÁRIO

O artigo faz um duplo movimento, contextual e conceitual, em torno da narrativa como matéria fundamental para os estudos dos processos comunicacionais na cultura contemporânea. Em um primeiro momento, dedica-se a mapear fenômenos que envolvem as narrativas como dimensões marcantes de nossos tempos, pela maneira como elas vêm sendo articuladas ou mesmo tematizadas midiaticamente, com ênfase no Brasil.

A partir das inquietações que emergem contextualmente, busca oferecer uma abordagem teórico-metodológica a partir da proposição geral de que a narrativa se constitui como mediação da experiência do tempo histórico, revisando e repensando bases conceituais para lidar com a narrativa como questão socialmente complexa, especialmente em um regime de crise temporal.

## PALAVRAS CHAVES

Narrativa. Tempo histórico. Processos comunicacionais. Contexto.

## NARRATIVA E A EXPERIÊNCIA DO TEMPO HISTÓRICO: UMA PERSPECTIVA CONTEXTUAL E CONCEITUAL PARA ANÁLISE DE PROCESSOS COMUNICACIONAIS

### RESUMEN

El artículo hace un doble movimiento, contextual y conceptual, acerca de la narrativa como materia fundamental para los estudios de los procesos comunicacionales en la cultura contemporánea. En un primer momento, se dedica a mapear fenómenos que involucran las narrativas como dimensiones notables de nuestros tiempos, por la manera en que han sido articuladas o tematizadas mediáticamente, con énfasis en Brasil. A partir de las inquietudes que emergan contextualmente, busca ofrecer un abordaje teórico-metodológico desde la proposición general de que la narrativa se constituye como mediación de la experiencia del tiempo histórico, revisando y repensando las bases conceptuales para lidiar con la

narrativa como questão socialmente complexa, especialmente em um regime de crise temporal.

### **PALABRAS CLAVES**

Narrativa. Tiempo histórico. Procesos comunicacionales. Contexto.

### **TÍTULO EN INGLÉS**

## **NARRATIVA E A EXPERIÊNCIA DO TEMPO HISTÓRICO: UMA PERSPECTIVA CONTEXTUAL E CONCEITUAL PARA ANÁLISE DE PROCESSOS COMUNICACIONAIS**

### **ABSTRACT**

The article makes a double movement, contextual and conceptual, around narrative as a fundamental matter for the study of communicational processes in contemporary culture. At first, it is dedicated to mapping phenomena that involve narratives as striking dimensions of our times, due to the way they have been articulated or even themed on the media, with emphasis on Brazil. Based on the concerns that emerge contextually, it seeks to offer a theoretical-methodological approach based on the general proposition that the narrative is a mediation of the experience of historical time, reviewing and rethinking conceptual bases to deal with the narrative as a socially complex issue, especially in a regime of temporal crisis.

### **KEYWORDS**


Narrative. Historical time. Communicational processes. Context.

## **INTRODUÇÃO**

A discussão aqui apresentada surge do entrecruzamento de dois processos. Um deles é a construção de um percurso acadêmico<sup>1</sup> no qual temos nos dedicado à investigação da narrativa como dimensão fundamental de processos comunicacionais em relação a formas de vida, relações de saber e de poder. Tendo realizado uma série de estudos prévios sobre diferentes fenômenos, com questões, ênfases e consequências próprias, buscamos agora, em certa medida, reunir, consolidar e apurar um conjunto transversal de traços teóricos e metodológicos. Acreditamos que esses elementos nos permitem viabilizar uma perspectiva – aberta e provisória – que apreende e problematiza a narrativa como dinâmica constitutiva da cultura e da temporalidade, ao mesmo tempo em que é constituída cultural e temporalmente. Nesse sentido, nos dedicamos aqui a apresentar e discutir uma abordagem dos processos comunicacionais cujos termos se sintetizam na proposição geral de que a narrativa se constitui como mediação da experiência do tempo histórico.

Destrinchamos, assim, as implicações conceituais de tal proposição, mas não antes encontrar suas condições de reflexão e significância concreta em fenômenos comunicacionais de nossos tempos. Assim, o processo de aprofundamento teórico sobre a narrativa se dá na medida em que ela é tensionada por um processo mais amplo, o de uma configuração conjuntural

<sup>1</sup> Ainda que esse percurso se materialize frequentemente nos trabalhos individuais deste autor, ele se constrói de maneira coletiva, especialmente nas atividades do Narra – Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade, nas parcerias com o Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência e com o TRACC – Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação, e nas interlocuções com a rede de pesquisa Historicidades dos Processos Comunicacionais.



que nos obriga a considerar a comunicação a partir da relação com certas formações sociais, políticas, econômicas, tecnológicas e culturais do mundo contemporâneo, com ênfase no Brasil. Compreendidas dentro dessa conjuntura, as narrativas se reconfiguram enquanto tema de investigação, não apenas porque são historicamente específicas, mas pela abrangência e pela gravidade que os fenômenos da narração nos parecem adquirir na nossa atual cultura. Como buscamos evidenciar, a narrativa envolve, hoje, certas dinâmicas comunicativas, certos usos estratégicos, certas disputas e certa recorrência da narrativa enquanto termo no vocabulário do debate público que demandam atenção e análise. Além disso, encontramos um contexto marcado por uma experiência de crise temporal, o que faz da relação entre narrativa e tempo histórico uma dimensão central a ser compreendida. Por isso, a proposição geral apresentada se oferece como síntese e problema.

É à percepção dessa conjuntura que dedicamos a primeira seção do artigo, por meio de um exercício de contextualização no qual identificamos alguns processos comunicacionais que, de diferentes maneiras, envolvem a narrativa como expressão marcante da cultura contemporânea. Para isso, é preciso dizer que contexto não se traduz como um cenário objetivo e dado que acessamos, mero pano de fundo a partir do qual os fenômenos – ou objetos – são analisados. Partimos das premissas sintetizadas por Lawrence Grossberg (2010) e de sua proposta de contextualização radical como modo prioritário de análise materialista de conjuntura e de interpretação da cultura. Para o autor, a contextualização é o gesto metodológico que estabelece a reunião, a relação, a interpretação e a crítica de um

conjunto fenômenos, fazendo do produto desse gesto, o contexto, o próprio objeto em discussão.

Tal perspectiva afasta também uma ideia estabilizadora do contexto traçado, valorizando-o enquanto organizada e organizante montagem de práticas e de relacionalidades que condicionam e modificam a distribuição, função e efeitos dos fenômenos, ao passo em que tais fenômenos são ativamente implicados na produção do próprio contexto. Proposta de influência deleuze-guattariana, a noção de contextualização radical nos remete à noção de cartografia concebida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (2000), e que recuperamos como preceito metodológico para a prática de contextualização.

Essa cartografia constrói mapas móveis, que não têm a pretensão de representar algo que lhe é exterior como um decalque, impor uma racionalidade e uma estabilidade à multiplicidade que pretendemos compreender. É nesse sentido que nossa contextualização se afasta de uma ideia geral de conjunto textual para se construir de tal modo cartográfico, investigando processos de maneira igualmente processual (Barros e Kastrup, 2010, p. 57). Por isso, os fenômenos aqui identificados e conectados não serão estudados e destrinchados individualmente de maneira detida – pelo menos não nos limites desse artigo –; eles serão tomados na medida em que nos permitem perceber redes de forças, modulações e movimento pelos quais as narrativas podem ser apreendidas dinamicamente na relação com a historicidade dos processos comunicacionais.

A partir disso, na segunda seção, realizamos o movimento de reflexão e síntese teórica,



movidos pelas inquietações que emergem contextualmente. Buscamos, com isso, oferecer uma perspectiva que dialogue com os dilemas observados, revisando e repensando nossas bases conceituais para lidar com a narrativa como processo social complexo.

## 1. NARRATIVA EM CONTEXTO

Se as narrativas sempre fizeram parte dos diversos modos de viver a realidade humana, elas encontram hoje uma atualizada potência de sua inserção e multiplicação pela cultura contemporânea. Convivemos com um senso de ubiquidade não apenas de narrativas midiáticas, mas de dinâmicas narrativas em fluxo constituídas midiaticamente, de notícias a memes, e que inundam a vida cotidiana com os dispositivos da era digital e da mobilidade. Nessas dinâmicas, os processos comunicacionais envolvendo as redes sociais virtuais têm destaque na reconfiguração das nossas experiências, subjetividades e práticas sociais mediadas por histórias.

Exemplo interessante de como tais processos vem sendo percebidos e problematizados na própria mídia é um artigo recente do jornal britânico Guardian intitulado *How the news took over reality*<sup>2</sup> (Como as notícias tomaram conta da realidade, em tradução nossa). Nele, o jornalista Oliver Burkeman trata da maneira como consumimos notícias e de seu papel para o funcionamento da democracia. O autor observa preocupadamente o engajamento

com uma torrente infinita de histórias em disputa por nossas provisões de atenção: «Se a colonização da vida cotidiana pelas notícias é prejudicial para nós mesmos e para a política democrática, não devemos colaborar impensadamente com esse processo. Longe de ser nosso dever moral se importar tanto com as notícias, pode ser de fato nosso dever começar a nos importar um pouco menos» (tradução nossa<sup>3</sup>).

E se as narrativas sempre foram objeto de interesse humano, em especial para as investigações e experimentações nas áreas das humanidades, o investimento nas práticas de narração se tornou mais recentemente um efervescente ramo de investimento encapsulado na ideia de storytelling. O jornalista brasileiro Ivan Mizanzuk, criador do podcast Projeto Humanos – programa de referência na podosfera nacional e exemplo de uma leva recente que vem sendo chamada de podcasts narrativos<sup>4</sup> – vem ministrando cursos de storytelling com o seguinte anúncio: «O que as melhores palestras do TED, filmes e podcasts tem em comum? Todas são capazes de prender sua atenção e interesse em uma coisa: uma boa história. E neste Curso de Storytelling você aprende o passo a passo para construí-las.»<sup>5</sup> Utilizando-se de técnicas para construção de narrativas para fins estratégicos, o storytelling se difundiu amplamente por campos como o da comunicação, da educação, da psicologia e, de modo especialmente capitalizado, pelo mercado do marketing e do coaching.

<sup>2</sup> Artigo de Oliver Burkeman ao periódico The Guardian disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2019/may/03/how-the-news-took-over-reality>

<sup>3</sup> «If the colonisation of everyday life by the news is damaging both to ourselves and to democratic politics, we ought not to collaborate unthinkingly with that process. Far from it being our moral duty to care so much about the news, it may in fact be our duty to start caring somewhat less.»

<sup>4</sup> Outros exemplos no Brasil são os podcasts 37 Graus, Vozes: Histórias e Reflexões e Presidente da Semana.

<sup>5</sup> Texto da chamada para o curso de storytelling de Ivan Mizanzuk disponível em: <http://anticast.com.br/cursos/curso-de-storytelling-do-ivan-online-23-out-16>



Levando o trabalho com a narrativa para o campo das tecnologias da informação, pelo cruzamento de técnicas de rastreamento de informações, desenvolvimento de inteligência artificial e de modelos de construção de narrativas, ferramentas de produção automatizada de histórias têm sido cada vez mais utilizadas por grandes corporações midiáticas. Um dos primeiros veículos jornalísticos a adotar o algoritmo para produção de conteúdo foi a revista estadunidense Forbes, que implementou um software desenvolvido por uma empresa de storytelling de dados chamada Narrative Science. Seu slogan aposta nos supostos benefícios da narrativa para o ser humano, livrando-o do trabalho de narrar: «Pare de analisar. Pare de interpretar. Comece a entender» (tradução nossa)<sup>6</sup>.

Outro fenômeno recente que se conecta às dinâmicas online, às novas possibilidades tecnológicas e à capitalização das narrativas é o da explosão das ditas fake news. Ainda que a criação e propagação de factoides não seja uma novidade, a amplitude de sua produção, o jogo com formas e estatutos narrativos e o seu uso de maneira estruturante das dinâmicas políticas colocam as notícias falsas como um desafio fundamental para a sociedade da cultura das mídias contemporânea. Além disso, vemos crescer ondas daquilo que muitos têm chamado de revisionismo<sup>7</sup> ou de negacionismo, expressos, por exemplo, no movimento terraplanista ou no negacionismo climático. Fenômenos como esses possuem

papel crucial na maneira como antigos dilemas em torno das noções de verdade e de fato se atualizam nos modos como compreendemos a realidade e a história por meio de narrativas.

E em meio a complexas disputas de saber e de poder que reconfiguram a narrativa enquanto problema no mundo hoje, chamamos atenção a multiplicação de discursos fundados na percepção de uma crise temporal – intimamente relacionada a crises políticas, econômicas, institucionais e ecológicas –, uma confusão aguda nas elaborações e ações sobre o curso da história. Mais do que apenas se perguntar «O que está acontecendo?», narrativas contemporâneas parecem ainda mais interessadas em «Como isso foi possível?» e «O que poderá acontecer agora?». E se essas interrogações sugerem um crescente interesse geral nos processos históricos, por outro lado elas revelam experiências de perplexidade e indeterminação.

Tais experiências podem ser percebidas ao redor do mundo, com diferentes escalas, por motivos comuns ou específicos. Interessanos, aqui, destacar os aspectos próprios que encontramos no Brasil e na cultura das mídias do país, em sua atribulada história política recente<sup>8</sup>. Para além dos inúmeros produtos que circulam cotidianamente pelas mídias que se colocam, de maneira breve e pontual, a narrar os nossos tempos, temos visto se acumular uma grande oferta de produtos que buscam sintetizar de maneira pretensamente sistemática e pormenorizada os rumos dos

<sup>6</sup> «Stop analyzing. Stop interpreting. Start understanding». Disponível em: <https://narrativescience.com>

<sup>7</sup> É importante registrar que, apesar de ter sido apropriado para caracterizar os processos mencionados, o termo revisionismo é um preceito mais complexo no debate historiográfico (Melo, 2013).

<sup>8</sup> Ainda que não nos interesse encontrar marcos factuais e cronológicos fechados, tais processos encontram epicentros evidentes no Brasil em acontecimentos como as jornadas de junho de 2013, o impeachment de Dilma Roussef, o assassinato de Marielle Franco, as eleições de 2018 e o governo de Jair Bolsonaro.

acontecimentos que definiram os contornos da vida política brasileira nos últimos anos. Alguns exemplos são os filmes *Não vai ter golpe* (Alexandre Santos e Fred Rauh, 2019) e *O Processo* (Maria Ramos, 2018), a série online de vídeos *O Teatro De Tesouras* (Brasil Paralelo), os livros *Mascarados: a verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc* (Esther Solano, Bruno Paes Manso e Willian Novaes, 2014) e *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil* (Ivana Jinkings, Kim Doria, Murilo Cleto), e a grande reportagem *A metástase da revista piauí* (Allan de Abreu, março de 2019). Todos eles oferecem alguma forma de inteligibilidade e de construção afetiva sobre as experiências históricas do país, ainda que alguns se construam mais fortemente no sentido do didatismo – um exemplo é a série de vídeos *Era uma vez um voto*<sup>9</sup>, nos quais a youtuber Jout Jout se coloca, às vésperas das eleições de 2018, a contar a história da democracia brasileira e da polarização política no país lançando mão de um teatro de fantoches de dedos. Diante desses esforços, chama-nos atenção a necessidade de elaboração e de ação em tempos historicamente caóticos.

E enquanto a indeterminação se expressa como condição de possibilidade presumida em muitos desses produtos, alguns deles chamam atenção para a maneira explícita como convocam a experiência da crise temporal, muitas vezes já estampada em seus títulos. É o caso do documentário *Democracia em Vertigem* (Petra Costa, 2019), que narra

o impeachment de Dilma Rouseff e a prisão de Lula como dramas de uma experiência histórica e de um horizonte político deteriorados: «Hoje, enquanto sinto o chão se abrir embaixo dos meus pés, temo que a nossa democracia tenha sido apenas um sonho efêmero», comenta a documentarista no filme. Também emblemáticos são os títulos da série de reportagens da BBC World News sobre a crise política e econômica do Brasil entre os anos de 2013 e 2018, originalmente chamada *What happened to Brazil?*<sup>10</sup> (*O que aconteceu ao Brasil?*, em tradução nossa – de Kennedy Alencar, janeiro de 2019) e lançada nacionalmente sob o nome *Brasil em Transe*. Enquanto o primeiro título, direcionado a um público internacional, evidencia tanto a indagação quanto a tentativa de explicação via narrativa, o segundo, para o público brasileiro, revela a indeterminação como princípio constitutivo e fatalmente irreparável da história narrada.

*Brasil em Transe* é também título do livro organizado pela antropóloga Rosana Pinheiro-Machado e o historiador Adriano de Freixo (2019), que aborda, nos termos da obra, o bolsonarismo, a nova direita e a desdemocratização. Além disso, Pinheiro-Machado é a entrevistada do podcast *Viracasacas* no episódio intitulado *Como chegamos aqui?* (agosto de 2019). No programa, o apresentador Gabriel Divan interpela a convidada com a seguinte introdução: «Muito se houve falar de como é que os historiadores do futuro vão contar o capítulo desses anos malucos. Mas eu quero

<sup>9</sup> Vídeos do canal JoutJout Prazer disponíveis em: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLj0yCrqhrPopw-f6lJWu4hLK6VN5cC\\_il](https://www.youtube.com/playlist?list=PLj0yCrqhrPopw-f6lJWu4hLK6VN5cC_il)

<sup>10</sup> Série de reportagens da BBC World News disponível em: <https://www.bbc.com/reel/playlist/what-happened-to-brazil>

<sup>11</sup> Fala de Gabriel Divan no podcast *Viracasacas* disponível em: <https://viracasacas.com/2019/08/27/127-como-chegamos-aqui-com-rosana-pinheiro-machado>

saber o que as pensadoras e os pensadores estão nos dizendo agora.»<sup>11</sup>

Como destaque, observando os processos comunicacionais na conjuntura brasileira contemporânea, devemos chamar atenção para a vasta recorrência da expressão «guerra de narrativas» utilizada para traduzir a disputa de elaborações sobre os acontecimentos recentes da nossa vida política por meio de histórias. A expressão tem como referência não apenas todos esses produtos que se oferecem como grandes sínteses, mas uma narratividade ampla constituída por redes de discursos configuradas diariamente nas relações de poder em tensão no país, incluindo declarações de líderes políticos a discussões ordinárias do dia a dia.

Guerra de narrativas é, inclusive, nome de um livro do jornalista Luciano Trigo (2018), subtítulo A crise política e a luta pelo controle do imaginário. Em sua abertura, o autor afirma: «Não foi o Brasil que entrou em colapso, foi uma narrativa de Brasil, ou a narrativa de um Brasil» (Trigo, 2018, p. 12). E apesar de afirmar que essa «ficção foi laboriosamente fabricada ao longo de décadas, antes mesmo da chegada do PT [Partido dos Trabalhadores] ao poder» (p. 12), é fundamentalmente aos discursos do campo «lulopetista» que o livro dedica suas páginas e suas críticas, se prestando, entre outras coisas, a desmascarar a dita «narrativa do golpe». Mas em vez de colocar em questão, aqui, o emprego específico que Trigo faz da ideia de guerra de narrativas, é importante perceber o conjunto de pressupostos que ela envolve. Em um capítulo chamado «Notas para uma definição da guerra de narrativas» (p. 43) – que tem como uma das epígrafes os dizeres «É mais fácil enganar as pessoas

do que convencê-las de que elas foram enganadas», de Mark Twain – o jornalista sintetiza:

*[...] na guerra de narrativas, [...] os agentes (e também as vítimas) somos todos nós e cada um de nós, na medida em que cada indivíduo se identifica com – e reproduz no seu dia a dia – um determinado enredo, uma determinada interpretação das coisas, um determinado discurso, em contraposição a outros enredos, interpretações e discursos em disputa: uma determinada narrativa ficcional sobre a realidade em que vivemos.*

*A guerra de narrativas é feita para manipular, persuadir, cooptar, explorar e orientar os sentimentos da população, mais do que para determinar a percepção e a interpretação de um determinado acontecimento. Ela fala ao emocional, ao espiritual e ao inconsciente, mais do que às faculdades do raciocínio. (pp. 52-53)*

A definição acima apresenta uma série de fragilidades na maneira como a narrativa é compreendida, e que são largamente partilhadas no uso se que faz do termo no debate pelo país, por pessoas de espectro ideológico ou partidário distintos. Ora, interessa-nos sublinhar, em primeiro lugar, o modo como a ideia de narrativa parece necessariamente se confundir com a ideia de narrativa ficcional, resumindo-a simploriamente ao campo semântico da invenção, da construção e do artifício em detrimento a uma perspectiva supostamente fiel a alguma realidade presumida. Em segundo lugar, sendo uma ficção, a narrativa seria iminentemente farsesca, fraudulenta e, justamente por isso, utilizada como forma de manipulação social. E em terceiro, essa manipulação se daria na medida em que a

narrativa, aparentemente mais do que outras formas de discurso, operasse no domínio dos afetos ou em qualquer outra ordem que não a da iluminação.

Para concluir, chama-nos atenção o fato de que, além de ser frequentemente deslegitimada enquanto processo de comunicação na esfera pública, a narrativa é frequentemente vista como uma esfera distinta e mesmo menor que a ação humana efetiva. Exemplo disso é o episódio Furando a bolha do canal Tese Onze do YouTube, no qual a socióloga Sabrina Fernandes aponta para aquilo que entende como as limitações do seu papel como comunicadora e de seus interlocutores como agentes políticos:

«A gente tá lidando com problemas de poder. Então existe oposição concreta a ser feita. Ela não vai ser feita individualmente, e ela não vai ser feita só na narrativa. Não é uma questão de disputa de narrativa. É materialidade.»<sup>12</sup>

Na medida em que reunimos traços contextuais nos quais a narrativa eleva-se como dimensão marcante da cultura das mídias contemporânea, percebemos como ela se articula a questões ou mesmo se evidencia como objeto expresso do debate em torno dos tempos em que vivemos. Percebemos também que, se por um lado esse contexto demonstra uma importância das narrativas enquanto fenômenos a serem explorados, ele revela uma clara inflação do termo, que coloca em risco a nossa própria capacidade social de manejar suas características, potências e limites.

Por fim, todos esses aspectos culturais, políticos e epistemológicos parecem se

articulare e se potencializar, mais recentemente, na pandemia da Covid-19 (o que, certamente, não é particularidade do Brasil, mas que, como se sabe, fez do país um caso especialmente desastroso no mundo). Vivemos de maneira dramática todo o atordoamento relacionado às perdas humanas e à insegurança sanitária, à falta de clareza sobre a doença, ao isolamento social e suspensão de atividades presenciais, ao aprofundamento de fragilidades econômicas e sociais, ao caráter errante das medidas públicas de controle e imunização... A crise relacionada ao coronavírus impôs o embaralhamento, ou mesmo a dissolução de marcos temporais da vida cotidiana, das perspectivas de futuro e das nossas próprias gramáticas narrativas que, apesar de se ampararem sempre em marcos instáveis e provisórios, se sustentavam em uma naturalização das convenções sociais que foi drasticamente abalada. Em meio ao caos, o tempo humano parece fraturado, se não suspenso, e a dita “guerra de narrativas” se evidencia como uma questão inescapavelmente atrelada às possibilidades e dilemas do vivido.

Podemos levantar, desse contexto, algumas questões que nos parecem prementes: como podemos apreender os processos comunicacionais envolvidos nas narrativas levando em conta seus caracteres e modos de composição? Temos condições de compreender plenamente as experiências que se dão por meio de narratividades dinâmicas e abertas, indo além de um foco em produtos considerados individualmente ou em conjuntos? Que possibilidades constituem as narrativas dentro das dinâmicas sociais, seja em seus usos estratégicos ou nas relações

<sup>12</sup>Fala de Sabrina Fernandes no canal Tese Onze, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G3LcxyoUVwQ&t=545s>



ordinárias? Em que medida essas dinâmicas implicam a narrativa na relação com o tempo e a história? De que maneira podemos analisar as disputas travadas por meio de narrativas de modo complexificador e rigoroso? Tendo em mente tais questões, desenvolvemos a seguir um traçado conceitual que, se não as responde, busca ao menos fazê-las dentro de um debate já constituído dentro do campo da comunicação em torno das narrativas.

## 2. NARRATIVA: ELEMENTOS PARA UMA ABORDAGEM

As observações e inquietações anteriores se entrelaçam nas formulações que aqui realizamos, retomando a síntese apresentada no início desse trabalho, quando indicamos uma proposição de abordagem da narrativa como mediação da experiência do tempo histórico. Aqui, destrinchamos cada um dos elementos conceituais dessa síntese – dentro dos limites que o artigo impõe perante os extensos debates que cada conceito nos demandaria –, apontando para aspectos teóricos e metodológicos importantes que ela considera.

A própria noção de narrativa é nosso ponto de partida. Tema permanente em reflexões sobre a linguagem humana, a narrativa faz-se presente em várias das tradições intelectuais que constituíram o campo da comunicação – na poética clássica, na semiótica, no formalismo, no estruturalismo e na narratologia, para citar algumas. Longe de tentar dar conta dessa vasta herança teórica, interessamos pontuar que, de diferentes maneiras, muitas vezes o exercício da linguagem que constitui as dinâmicas narrativas surge expressamente vinculada a dilemas de saber e de poder específicos. Podemos lembrar de

autores como Walter Benjamin (1986), que reivindica para a «verdadeira narrativa» a rara capacidade de intercambiar experiências, em um mundo marcado pela Primeira Guerra e pela expansão do discurso informativo encarnado nos jornais; ou como Jean-François Lyotard (1993), que em meio ao emergente debate sobre a pós-modernidade discute as características dos «saberes narrativos» e observa a crise dos grandes relatos da Ciência, do Estado e das Tradições.

O que buscamos reter é que a narrativa entendida enquanto processo comunicacional encontra sua maior potência heurística se é compreendida nesse campo amplo em que a linguagem se funda em relação a dinâmicas sociais complexas, historicamente constituídas e materialmente vividas na cultura. E aqui, entendemos cultura a partir de Raymond Williams (2015), para designar um modo integral de vida, bem como seus processos de descoberta e esforço criativo (Williams, 2015, p. 5).

Dessa forma, a narrativa se oferece como modo de apreender e dar sentido ao mundo:

*Eventos, pessoas, sentimentos que se encontram dispersos espacial e temporalmente, que têm estatutos distintos (pois pertencem aos mundos dos sonhos, dos desejos, do passado, das expectativas de futuro etc.) podem ser reunidos, conectados em diferentes relações causais e, assim, apreciados, organizados, experimentados, comunicados. (Leal, 2013, p. 29)*

Instalar uma discussão sobre as narrativas nesse lugar é o primeiro passo para que elas não sejam resumidas a uma mera modalidade textual, a um conjunto objetivo de operações instrumentalizadas ou mesmo a unidades

totalizantes de sentidos circunscritas em produtos – aquilo que nós, pesquisadores, tanto insistimos em chamar de «objetos» e que tanto dissecamos com nossos procedimentos de racionalização analítica. Além disso, com essa perspectiva, buscamos superar qualquer interdição intelectual da narrativa vista, nela mesma, de maneira depreciativa (como uma fabricação enganadora, ou como «mera narrativa»), e compreendê-la como dimensão constitutiva das possibilidades dos processos de elaboração e comunicação humanos. Enquanto tal, não dever ser para nós uma questão de fato de que, como qualquer fenômeno da linguagem, a narrativa é fundada por um caráter fortemente artificial. Isso não significa ignorar as fabulações e as relações de poder em disputa, as fragilidades e contradições das narrativas que construímos; ao contrário, significa apreender essas características como partes sempre constitutivas desse processo. Qualquer crítica da narrativa que se julga acima dessas disputas incorre no (esse sim) perigoso engodo da neutralidade ideológica.

E para além de compreender a narrativa enquanto fenômeno humano, é preciso ressaltar o caráter temporal que define esta modalidade fenomênica – o que nos traz, então, para a relação entre tempo e narrativa dentro da proposição que nos move. Para nós, é importante destacar que o tempo, aqui, é mais do que uma das categorias de organização interna de uma intriga – junto de espaço, personagens e ações (Reuter, 2007). Nessa direção, são decisivas as contribuições de Paul Ricoeur (2010), sintetizada em sua conhecida tese hermenêutica: a de que o tempo se torna tempo humano na medida em que é articulado de modo narrativo, e que a narrativa adquire sentido ao se tornar condição da experiência temporal.

As intrigas tecidas pelo ser humano tornam-se, na perspectiva ricoeuriana, o meio privilegiado pelo qual lidamos com nossa confusa relação com o tempo. Trata-se, afinal, de uma experiência sempre marcada por paradoxos, incompletudes e aporias. Todos os dilemas de apreensão daquilo que estamos vivendo, da compreensão do que nos ocorreu e da expectativa sobre o que virá têm subjacente a questão meta-temporal: «Que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada», resume Agostinho (1964, p. 17).

É por nossas atividades produtoras de intrigas que tecemos condições de inteligibilidade para agir e padecer no mundo dentro de uma dinâmica articuladora de passado, presente e futuro. Quando narramos, geramos consequencialidade da consecutividade, e configuração da sucessão.

Devemos, então, esclarecer em que medida a relação entre tempo e narrativa se dá no termo de uma mediação. Além do sentido amplo de mediação implicado na tese ricoeuriana (sendo a narrativa o meio pelo qual o tempo devém tempo humano), devemos nos atentar para o processo de configuração das narrativas, no qual o pôr-em-intriga possui função de mediação em três sentidos mais específicos:

*Em primeiro lugar, ela promove a mediação entre acontecimentos ou incidentes, extraindo de uma simples sucessão (“um depois do outro”), uma configuração (“um por causa do outro”) por meio de nexos lógicos-causais; essa sucessão acontece de acordo com a ordem irreversível da experiência temporal. Além disso, a tessitura da intriga é mediadora porque compõe juntos fatores heterogêneos, como agentes, fins, meios,*

*interações, circunstâncias etc. [...] Por fim, ela promove a mediação entre os caracteres temporais do contar e os tempos daquilo que é contado (Manna, 2014b, pp. 74-75).*

É por meio dessa configuração que a narrativa articula caracteres temporais e promove uma síntese do heterogêneo: «[...] compor a intriga já é fazer surgir o inteligível do acidental, o universal do singular, o necessário ou o verossímil do episódico» (Ricoeur, 2010, p. 70). Nada disso, porém, faz com que a mediação narrativa seja uma forma totalizante, estabilizadora e pacificadora dos dilemas e paradoxos do tempo. Se, por um lado, a tessitura das intrigas é composta por estratégias de ordenamento, lógica, coerência, causalidade e completude, por outro elas marcadas por deslocamento, ruptura, hesitação e abertura. Por meio dessa dialética que Ricoeur chama de «concordância discordante», a mediação narrativa se constitui como uma «mediação aberta, inacabada, imperfeita, ou seja, uma rede de perspectivas cruzadas entre a expectativa do futuro, a recepção do passado, a vivência do presente» (p. 352). Na perspectiva do autor, as narrativas que contamos são operações que, se «solucionam» nossos dilemas temporais, o fazem poeticamente – ou seja, de modo prático e criativo, não teórico –, ao mesmo passo em que refletem tais dilemas.

Dentro dessa duplicidade (solucionar/refletir), devemos levar em consideração que essas soluções promovidas narrativamente são, em sua diversidade poética, também diversas em seus modos de gerar inteligibilidades, variando das histórias mais didáticas às

mais enigmáticas<sup>13</sup> Além disso, é preciso lembrar que também os dilemas temporais refletidos nas narrativas variam em grau de dramaticidade, sendo crises e catástrofes<sup>14</sup> figuras mais radicais de aporia.

Há ainda outro nível de mediação que se constitui na narrativa, no qual a configuração pode ser compreendida como mediadora entre o que Ricoeur chama de prefiguração – o universo de semânticas, estruturas temporais e formas simbólicas que articulam a experiência e conferem à ação uma primeira legibilidade – e a refiguração – a experiência da narrativa vivida por um sujeito no momento de leitura, processo em que o texto se efetiva como obra. Devemos sublinhar que, por essa perspectiva, o sujeito da leitura não é mero receptor dos sentidos previstos no texto – e, portanto, objeto de suposta manipulação –, mas um operador na produção de sentidos. Essa inversão tampouco retira da discussão das narrativas a ação das determinações (e, claro, das transgressões) via narrativas; o que ela faz é rejeitar qualquer lógica linear e verticalizada sobre o processo de produção/recepção para valorizar a dinâmica viva que constitui nosso mundo pelas narrativas que lemos e amamos.

Quando compreendemos a mediação narrativa em suas dinâmicas de mediação, temos algumas consequências metodológicas importantes. De partida, retirando uma ênfase da intriga ou da estrutura e para colocá-la no pôr-em-intriga, na estruturação, favorecemos a compreensão das disposições, das atividades produtoras e composições em constituição.

<sup>13</sup> Exploramos essas variações quando discutimos as narrativas fantásticas (Manna, 2014a e 2014b) e quando cotejamos o fantástico e às narrativas jornalísticas (Manna, 2016).

<sup>14</sup> Em outro trabalho (Lage e Manna, 2019), discutimos a experiência de catástrofe do tempo.

Nesse tecer da narrativa podemos observar a dispositividade dos elementos de uma história. Isso significa evitar compreendê-la como conjuntos fechados formados por partes finitas ligadas entre si, com a identificação de postos, funções e estratégias que podem ser retiradas, objetivadas e religadas ao todo. Tal *modus operandi* é problemático na medida em que esvazia a relação fundamental que buscamos valorizar, a relação tempo-narrativa.

É preciso entender, assim, que ferramentas interpretativas como as das análises textuais e suas buscas pela reconstituição da «arquitetura da narrativa» (Casetti e Chio, 1999) apenas nos permitem encontrar estruturas acrônicas e lógicas que regem as relações internas. Acompanhando Ricoeur, entendemos que os gestos analíticos que promovem estabilizações e segmentações perdem de vista as dinâmicas da narrativa, o que significa perder de vista a própria narrativa.

Nada disso sugere que a compreensão das dinâmicas da narração deve dar menor importância aos aspectos textuais da linguagem que constituem as narrativas. Todavia, acreditamos que uma abordagem mais dinâmica da mídia é aquela que, em vez de se atentar a seus textos e às possibilidades de sua decodificação, se propõe a analisar textualidades midiáticas (Leal, 2018), ou seja, vai ao encontro da linguagem como prática sociodiscursiva historicamente situada. Evitamos, assim, tomar a narrativa como dado, a confundir-la com textos, para buscá-la nos processos que se estabelecem textualmente – sem, com isso, insistir em paralisar tais processos.

A passagem do texto à textualidade nos permite destacar dois importantes ganhos. Um deles é possibilidade de apreender a narrativa como processo cultural em suas

múltiplas temporalidades – insistindo, com Ricoeur, que devemos perceber a narrativa aos modos de um rito, e «situá-lo num ritual, este num culto e, pouco a pouco, no conjunto das convenções, das crenças e das instituições que formam a trama simbólica da cultura» (2010, p. 92). Além disso, pela marca dinâmica da textualidade, desvinculamos as narrativas dos contornos supostamente autoevidentes dos textos (esse filme, aquele livro), e colocar em jogo o que compreendemos como narrativas e de que modo o fazemos. Com isso, não só nos permitimos dinamizar nosso olhar sobre as narrativas pelos fenômenos midiáticos convencionais (mesmo os que envolvem esse filme, aquele livro), como nos abrimos para compreender as experiências temporais que se dão por dinâmicas comunicacionais textualmente difusas, fragmentadas, reticulares e em trânsito.

Explorados, então, os contornos teóricos da mediação da experiência temporal, buscamos enfatizar a relação entre narrativa e tempo histórico, entendendo, ainda na esteira da matriz ricoeuriana, que o «tempo histórico refere-se à “vida humana”, que é individual e coletiva» (Reis, 1996, p. 234).

Assim, buscamos potencializar, dentro de nossas preocupações sobre os processos comunicacionais que se constituem narrativamente, a conexão entre a experiência individual e experiência coletiva, e apreender as condições em que o tempo adquire significância histórica. Se queremos compreender os modos como geramos inteligibilidade e ação no mundo pelos relatos que produzimos socialmente, o tempo histórico nos interpela na medida em que ele, simultaneamente, «é um vivido concreto, efetivo, é uma auto-organização da



vida social; e é conhecimento desse vivido» (p. 234). Nesse sentido, a mediação do tempo histórico coloca a experiência humana na relação com nossas convenções e as maneiras como organizamos nossos calendários:

*A vida ganha, então inícios e fins, recomeços, ritmos de trabalho e repouso, festa, sagrado e profano. O tempo calendário organiza as gerações, a sua sucessão: conta os anos, marca continuidades e rupturas, data seus feitos, suas obras, seus nascimentos, mortes, seqüências e descontinuidades. (p. 238)*

É importante reconhecer, mais uma vez, que um ordenamento de um «tempo calendário» – que organiza, conta, marca e data – não deve nos induzir a uma abordagem do tempo histórico por uma ótica da estabilização. Ele deve ser considerado na medida em que nos permite reconhecer as tensões e disputas com o conhecimento possível produzido sobre os incomensuráveis cursos da vida social.

Reconhecer a narrativa como mediadora de nossas experiências do tempo histórico não significa necessariamente buscar a história (seus grandes eventos e personagens) como tema nas intrigas que tecemos. De modo mais amplo, podemos apreender a competência histórica mesmo de nossas narrativas cotidianas quando, a partir do presente, entrelaçamos passado e futuro na produção de relações entre espaços de experiência e horizontes de expectativa. Como afirma Reinhart Koselleck, experiências e expectativas «[...] dirigem as ações concretas no movimento social e político» (Koselleck, 2006, p. 308), e é a tensão produzida entre elas que produz o tempo histórico. Para o autor, vale registrar, a crise se dá no ponto em que a tensão se torna ruptura, quando experiências e expectativas deixam de oferecer amparo e estímulo ao presente.

Devemos observar, aqui, que a maneira como Koselleck faz uso da noção de experiência não coincide exatamente com a forma como vínhamos tratando o termo. Trata-se de momento oportuno para explicitarmos, enfim, o modo como compreendemos a noção de experiência na relação de mediação entre tempo – particularmente o tempo histórico – e narrativa. Para isso, devemos nos atentar para duas ambiguidades fundamentais que constituem e definem essa noção, e que conectam uma série de elementos que apresentamos até aqui.

A primeira delas é a maneira como experiência se refere tanto ao presente quanto ao passado. Pois, por um lado, temos uma faceta da experiência que é bem traduzida por uma abordagem de caráter mais pragmático, com ênfase no âmbito interativo e praxiológico, ou seja, no experienciar.

Tal abordagem remete à experiência em ato presente. Por outro lado, é preciso também considerar a experiência vivida (e, portanto, pretérita), incorporada ao repertório que as «novas experiências» têm como referência. A ambiguidade não deixa de ser considerada pelo próprio Koselleck que, apesar de enfatizar a abordagem da experiência como algo passado, ressalta que se trata de um «[...] passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados» (Koselleck, 2006, p. 309). Assim, tal ambiguidade se torna uma interessante inflexão que enriquece a compreensão das narrativas que aqui apresentamos.

O mesmo ocorre com a segunda ambiguidade envolvida na noção de experiência, relativa a seu caráter ao mesmo tempo individual e coletivo – e, como dizemos, apoiamo-nos justamente na conexão entre essas duas

dimensões. Como afirma Koselleck, «[...] na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. Nesse sentido, também a história é desde sempre concebida como conhecimento de experiências alheias» (pp. 309-310). Podemos nos lembrar, ainda, de Benjamin, que distinguia a noção de vivência, estritamente individual, da experiência, de caráter socialmente constituído e que encontra sua potência justamente no intercâmbio de experiência entre indivíduos. Não por acaso, a narrativa surgiu como guardiã da experiência na perspectiva benjaminiana.

Assim, ao articular temporalidades e privilegiar as trocas, as experiências são um campo em que as sociedades se concebem e se modificam. Por isso, insistimos na centralidade da comunicação nessas dinâmicas materiais e das narrativas como sua modulação que é própria ao tempo histórico vivido e vivível. Um olhar complexificador sobre o tema na cultura das mídias envolve, de tal maneira, não apenas observar quais usos são feitos da narrativa ou qual a qualidade das histórias que circulam, mas tentar alcançar o que nossas narrativas contextualmente observadas dizem das nossas condições de compreender e agir sobre a nossa própria historicidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como buscamos evidenciar, a importância dos estudos da narrativa, particularmente na sua relação com o tempo histórico, se conecta à relevância que ela vem adquirindo socialmente e à fragilidade com a qual ela vem sendo comumente compreendida. É o tensionamento das duas frentes de

nosso trabalho (contextual e conceitual) que constrói, a nosso ver, a relevância das discussões aqui apresentadas para o campo da Comunicação hoje, sobretudo no âmbito da compreensão da/intervenção na cultura. Acreditamos que esse tensionamento pode ser profícuo na possibilidade de que as articulações entre os elementos teórico-metodológicos e o contexto mapeado se adensem em trabalhos futuros. Temos diante de nós uma conjuntura desafiadora, e os estudos da narrativa têm a tarefa de produzir perspectivas atualizadas para os fenômenos contemporâneos, o que é um esforço a ser desdobrado permanentemente. Isso não significa, é claro, abrir mão da importante herança conceitual acumulada até o momento, mas construir, a partir da atenção ao presente, as demandas que nos são urgentes. Desse modo, os processos de hoje nos permitem, inclusive, lançar um olhar revigorado sobre as perspectivas conceituais já sedimentadas em nossa área.

Por ora, cabe-nos salientar que as experiências mediadas narrativamente colocam o tempo histórico como módulo importante de interlocução humana e de elaboração social, e que esse processo adquire uma envergadura comunicacional particularmente decisiva nas mídias e na cultura contemporâneas. Nesse sentido, a narrativa pode ser valorizada enquanto conceito central para a mobilização de outros conceitos como o tempo histórico, a memória, o testemunho e a própria crise compreendidos como «figuras de historicidade» – estas definidas como imagens conceituais capazes, simultaneamente, «de fazer ver diferentes problemas temporais nos processos comunicacionais (uma dimensão reflexiva) e sugerir caminhos e operadores para sua apreensão (uma dimensão operacional)» (Gomes, Leal e Ribeiro, 2017, p. 46).

Seja enfrentando fenômenos midiáticos mais contundentes ou perscrutando a vida cotidiana, encontramos uma multiplicidade de narrativas em que «continuidades e rupturas se evidenciam, numa constante hesitação/tensão entre determinações e conflitos, entre resoluções e irresoluções, entre tradição e mudança» (Gomes e Manna, 2018, p. 188). Tratam-se, pois, de dinâmicas de construção de mundos, cabendo a nós nos apropriarmos dos modos como narramos em benefício de uma renovada consciência histórica.

Por tudo isso, vale dizer, nosso empreendimento é tanto acadêmico quanto político – o que, em certo sentido, nos coloca em meio à dita guerra de narrativas para disputar os sentidos que a própria noção de narrativa pode adquirir. O que nos anima, afinal, é a abertura de outros tempos possíveis, não apenas superando os tempos em crise, mas transformando as condições que tornam a crise possível.

### RESEÑA CURRICULAR:

Profesor adjunto en la Universidade Federal de Uberlândia, investigador en el Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação. Doctor en Comunicación Social por la Universidade Federal de Minas Gerais, magíster y licenciado en Comunicación (com habilitación em Jornalismo) por la misma universidad. Coordinador del Narra - Grupo de Pesquisa em Narrativa, Cultura e Temporalidade.

### PARA CITACIÓN DEL ARTÍCULO:

MANNA, Nuno (2020) “Narrativa e a experiência do tempo histórico: uma perspectiva contextual e conceitual para análise de processos comunicacionais.”, en Revista Latinoamericana en Comunicación, Educación e Historia. N° 2. Año 2. Pp. 37 - 52. Red Latinoamericana COMEDHI. Córdoba, Argentina.



Este obra está bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.

## REFERENCIAS

- Agostinho. (1964). *As confissões*. Edameris. São Paulo.
- Barros, L. P.; Kastrup, V. Cartografar é acompanhar processos. (2010). Passos, E.; Kastrup, V.; Escossia, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. (pp. 52-75). Sulina. Porto Alegre.
- Benjamin, W. O narrador. (1986). Benjamin, W. *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (pp. 197-221). Brasiliense. São Paulo.
- Casetti, F., Chio, F. (1999). *Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación*. Paidós. Barcelona.
- Deleuze, G.; GUATTARI, F.. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 34. Rio de Janeiro.
- Freire, P. (2013). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra. Rio de Janeiro.
- Gomes, I.; Leal, B.; Ribeiro, A. P. G. (2017). A historicidade dos processos comunicacionais: elementos para uma abordagem. Musse, C. F.; Vargas, H.; Nicolau, M. *Comunicação, mídias e temporalidades*. (pp. 37-57). COMPÓS/EDUFBA. Brasília/Salvador. [http://www.compos.org.br/data/Comunicacao\\_Midias\\_e\\_Temporalidades.pdf](http://www.compos.org.br/data/Comunicacao_Midias_e_Temporalidades.pdf)
- Gomes, I.; Manna, N. (2018). Outros tempos possíveis: disputas de valores e convenções do jornalismo em Tempos Fantásticos. *REVISTA CONTRACAMPO*, v. 37 (n. 3) (pp. 169-190). <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/19457>
- Grossberg, L. (2010). *Cultural studies in the future tense*. Duke University Press Books. Durham.
- Koselleck, R. (2006). *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Ed. PUC-Rio. Rio de Janeiro.
- Lage, I.; Manna, N. (2019). Uma “catástrofe do tempo”: narrativa e historicidade pelas Vozes de Tchernóbil. *Galáxia*, Dossiê especial 1 (pp. 34-46). <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/41740>
- Leal, B S.. (2013). *Jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos*. Leal, B. S. L.; Carvalho, C. A. C. *Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas*. (pp. 25-48). Intermeios. São Paulo.
- Leal, B. (2018). Do texto à textualidade na comunicação: contornos de uma linha de investigação. Leal, B.; Carvalho, C. A.; Alzamora, G. *Textualidades midiáticas*. (pp. 17-34). PPGCOM UFMG. Belo Horizonte.
- Lyotard, J. F. (1993). *O pós-moderno*. José Olympio. Rio de Janeiro.
- Manna, N. (2014a). A chave azul: ação do leitor em textos fantásticos. *Galáxia*, n. 27 (pp. 214). <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/15762>
- Manna, N. (2014b). A tessitura do fantástico: narrativa, saber moderno e crises do homem sério. Intermeios. São Paulo.
- Manna, N. (2016). *Jornalismo e o espírito intempestivo: fantasmas na mediação jornalística da história, na história*. PPGCOM UFMG. Belo Horizonte. <https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/publicacao/jornalismo-e-o-espírito-intempestivo/>
- Melo, D. B. (2013). Revisão e revisionismo historiográfico: os embates sobre o passado e as disputas políticas contemporâneas. *Marx e o Marxismo*, v.1 (n.1) (pp. 49-74). <http://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/11/7>
- Reis, J. C. (1996). O conceito de tempo histórico em Ricoeur, Koselleck e “Annales”: uma articulação possível. *Síntese*, v. 23 (n. 73) (pp. 229-252). <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/viewFile/989/1428>
- Reuter, Y. (2007). *Introdução à análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Difel. Rio de Janeiro.
- Ricoeur, P. (2010). *Tempo e narrativa*. Tomo 1. WMF Martins Fontes. São Paulo.
- Trigo, L. (2018). *Guerra de narrativas: a crise política e a luta pelo controle do imaginário*. Globo Livros. Rio de Janeiro.
- Williams, R. (2015). *A cultura é algo comum*. WILLIAMS, R. *Recursos da esperança*. (pp. 3-28). Editora Unesp. São Paulo.

